

O DISCURSO EUGENISTA DE UM INTELLECTUAL CUIABANO

*Loiva Canova¹
Hugo Aguiar Teixeira Leite
Jhuan Cláudio Matos de Oliveira
Sander Souza Rodrigues Cintra*

Resumo

Este artigo analisa o discurso eugenista produzido pelo intelectual mato-grossense José Barnabé de Mesquita na obra *Gente e coisas de antanho*. A obra escrita em finais do século XIX trata de questões sobre as causas da degenerescência das raças no contexto da República. O discurso da eugenia possibilitou a construção do controle social na capital do estado de Mato Grosso e teve por intenção promover uma cruzada civilizatória capaz de intervir nos costumes e hábitos da população, nos seus modos e comportamentos sociais. O método eugenista foi multiplicado em vários espaços microscópicos de poder e saber e fundamentados em pressupostos científicos, conforme lido na obra do autor.

Palavras-chave: Eugenia. Disciplina. Cuiabá.

A problemática e os objetivos

A problematização do modo como os discursos a respeito da eugenia e a ordem civilizatória, no contexto da República, foram escritos na obra² de conteúdo eugenista do intelectual mato-grossense José Barnabé de Mesquita é o que vai ser tratado no texto.

Os princípios da eugenia descritos por José Barnabé de Mesquita foram analisados sob a luz da antropologia, psicologia e sociologia. Ao explicar que atitudes, comportamentos e hábitos vinham sendo praticados em Cuiabá por uma parcela de moradores considerados primitivos, sem importância social, impuros, propensa aos vícios, o intelectual José Barnabé de Mesquita reproduzia os valores da exclusão social, da degeneração das raças, excluindo aqueles que não descendiam de famílias europeias. Valores negativos eram os qualificativos das gentes pobres, negras, índias

¹ Doutora em História, professora no Departamento de História da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), coordenadora da pesquisa "A face marginal da paisagem cuiabana na Primeira República". Hugo Aguiar Teixeira Leite, Jhuan Cláudio de Matos Oliveira e Sander Souza Rodrigues Cintra são discentes da graduação de Licenciatura em História da UFMT, bolsistas PIBIC e VIC (respectivamente) e integram o grupo de pesquisa.

²MESQUITA, José Barnabé de. *Gente e coisas de antanho*. Cuiabá: Secretaria Municipal de Educação Cultura, 1978. (Cadernos Cuiabanos, 4).

e caboclas quando, no período republicano, atentou à análise das causas dos crimes, pelo autor considerados célebres, desde aqueles praticados nos anos iniciais da colonização, em 1727, até 1879, ano que finda sua narrativa.

As ideias defendidas pelo jurista José Barnabé de Mesquita teve na eugenia o mesmo pensamento dos fundamentos da academia, dos congressos sobre o tema, do exercício do jurista, do médico, do agente de saúde, do professor, do presidente de Estado... era sobretudo um discurso que tinha seus meios de divulgação assegurados pelas principais academias do Ocidente, em menor escala pelos jornais da cidade, porta-vozes de diferentes grupos políticos e pela obras escritas por intelectuais da sociedade cuiabana.

Desse modo, para discutir os discursos produzidos sobre a eugenia como “técnica científica” com seus saberes a respeito das práticas segregacionistas da República, servindo também como método de controle social, foi privilegiada para este artigo a crítica da obra de José Barnabé de Mesquita *Gente e coisas de antanho*.

O método eugenista foi multiplicado em vários espaços microscópicos de poder e saber, fundamentados em pressupostos científicos, conforme pode ser lido na publicação do autor citado. O discurso da eugenia, em muitas situações possibilitou a construção do controle social em Cuiabá e contribuiu para a intenção em promover uma cruzada civilizatória, de intervir nos costumes e hábitos da população, em seus modos e comportamentos sociais.

Jurandir Freire Costa, precursor do estudo da eugenia no Brasil, relata ser “o preconceito racial um elemento constitutivo da classe burguesa” e entende que a elite política, a sociedade e os intelectuais procuravam explicar, por meio da eugenia, as psicopatologias do crime e os comportamentos considerados imorais. Os usuários de bebidas alcoólicas também foram somados aos ataques do discurso eugênico. É um período *marcado* pelo mito do saber científico e, “a este saber é pedido, entre outras coisas, que ele estruture os valores que coordenam e harmonizam a hierarquia social. Coube à medicina, como parte deste saber, a tarefa de definir o que era ‘bom’ ou ‘mau’ para os indivíduos”. No Brasil, o pensamento republicano incorporou as ideias e ideais eugênicos, bastante funcionais no momento em que a questão racial ocupava papel de destaque na agenda social do país, recém-saído da escravidão: “a prevenção eugênica destinava-se a criar um indivíduo brasileiro mentalmente sadio.

Mas este indivíduo não era um indivíduo qualquer. Ele deveria ser branco, racista, xenófobo, puritano, chauvinista e antiliberal”.³

O autor Sérgio Adorno, ao escrever que “toda a engenharia eugênica funda-se em pressupostos ditos científicos”, explicou que:

Uma racionalidade percorre os discursos eugênicos, fixa familiaridades, estabelece conexões, constrói hipóteses, determina leis do acontecer natural. Trata-se de uma racionalidade que se opõe ao senso comum ou às formas habituais do conhecimento. Apresentando-se como saber superior, pois que penetra na profundidade dos corpos mediante técnicas e meios poucos acessíveis ao cidadão médio, ela institui verdades que se anunciam como irrefutáveis. Torna o invisível visível e compreensível.⁴

O referencial teórico utilizado para a análise do texto baseia-se nas leituras das obras de Michel Foucault: *A ordem do discurso* e *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*.⁵ Essas obras possibilitam atentar o olhar inquiridor a respeito dos ideais do período republicano, divulgadas por sujeitos disciplinares promovedores dos discursos e práticas eugenistas. Do mesmo modo, a obra que foi analisada deve ser entendida como uma representação da verdade, que propõe pressupostos reconhecidos pelas instituições como apropriações sociais e capazes de sustentar as hipóteses do discurso eugenista entre a elite e os leitores cuiabanos.

Diante do exposto, tem-se por objetivo analisar o discurso eugenista de um dos sujeitos disciplinares na cidade de Cuiabá no sentido de elucidar e compreender parcialmente a engenharia social construída, a fim de intervir nos hábitos, costumes, modos de ser e de estar no ambiente cuiabano. A eugenia também teve a proposta de interceder nas condições higiênicas do espaço com dispositivos disciplinares para gerir a salubridade, com técnicas que também serviram à medicalização de corpos por meio do reconhecimento de ações do poder político.⁶

A pergunta a que este texto responde é: Como o discurso eugenista foi narrado na obra de José Barnabé de Mesquita? As ocorrências e recorrências desses argumentos contidos na obra, compreendida como um dos saberes produzidos e que

³ COSTA, Jurandir Freire. *História da psiquiatria no Brasil: um corte ideológico*. Rio de Janeiro: Campus, 1980, p. 13-25.

⁴ MARQUES, Vera Regina Beltrão. *A medicalização da raça: médicos, educadores e discurso eugênico*. Campinas, SP: UNICAMP, 1994. Prefácio escrito por Sérgio Adorno, p. 16.

⁵ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996; FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.

⁶ Parte das ideias aqui apresentadas tiveram como fonte de inspiração a obra: MARQUES, Vera Regina Beltrão. *A medicalização da raça: médicos, educadores e discurso eugênico*. Campinas, SP: UNICAMP, 1994.

colaborou para uma rede institucionalizada de poderes com a finalidade de controlar a população em suas diferentes práticas sociais, fazem parte do assunto exposto nestas linhas.

A cidade, sua história e a problemática eugenista

A cidade de Cuiabá foi Vila setecentista, fundada no ano de 1727 por Rodrigo César de Menezes, governador da capitania de São Paulo. Foi aldeia dos índios coxiponés e na região foram encontrados minério e mão de obra escrava ameríndia que mobilizava interesses dos paulistas predadores das riquezas do sertão.⁷

No fim do século XIX e início do século XX, Cuiabá, capital do estado de Mato Grosso, inserida nos termos políticos de República, ainda era narrada com características de um urbano colonial.⁸ Ruas quase sem calçamento, praças sem iluminação, animais soltos a perambular pelas vias, a exemplo da Rua Campo Grande, atualmente conhecida por Barão de Melgaço, serviram de cenário ao olhar dos críticos jornalistas da época. Exemplos de particularidades de um cotidiano que emprestava ares de uma cidade colonial com seus domínios discursivos dos tempos civilizadores da República.

Os discursos mais frequentes nos jornais, ao tratarem da cidade, são os que criticam a falta de higiene e as carências estruturais diversas que diziam incomodar muitos moradores. Os problemas da falta de iluminação, de salubridade e de água estão entre muitas narrativas de jornais, especialmente, neste caso, nos escritos de Agrícola Paes de Barros, redator de três jornais que circulavam na cidade: *A Luz*, *A Capital* e *O Fifó*. Neste último encontram-se estas informações:

“Cuiabá é uma cidade velha, decadente, sem intendentess, suja, mal calçada, com luz pessima, para não gastar lenha e lampadas, com pouca agua e com muitos politiqueiros cretinos, que julgam, não dever cumprimentar os amigos, parentes e conhecidos da política oposta. Rua

⁷ Sobre a colonização portuguesa em Cuiabá e no Mato Grosso, ler: VOLPATO, Luiza Rios Ricci. *A conquista da terra no universo da pobreza: formação da fronteira oeste do Brasil (1719-1819)*. São Paulo: HUCITEC; Brasília: INL, 1987; ROSA, Carlos Alberto. *A Vila Real do Bom Jesus do Cuiabá: vida urbana em Mato Grosso no século XVIII (1722-1808)*. 1996. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996; CANAVARROS, Otávio. *O poder metropolitano em Cuiabá (1727-1752)*. Cuiabá: EdUFMT, 2004. SILVA, Jovam Vilela da. *Mistura de cores: política de povoamento e população na capitania de Mato Grosso – século XVIII*. Cuiabá: EdUFMT, 1995.

⁸ MESQUITA, 1978. Ver também os jornais pesquisados: *O Fifó*, *A Capital*, *O Reacção*, *A Juventude*, *A Luz* e *O Comércio*.

Nova em Cuiabá, é a presente Avenida D. Aquino, cheia de muros caídos, parecendo mais uma Rua Velha.”⁹

O redator de *O Fifó*, Agrícola Paes de Barros, mesmo tendo sido preso e seus jornais sofrerem empastelamento, apresentava acentuado senso crítico, verificado por meio de mensagens que denunciavam práticas políticas corruptas no mau uso do poder público municipal e estadual. Em muitas de suas narrativas, lê-se sobre a cidade de Cuiabá, condenada a uma paisagem do desânimo e de insuficiente estrutura. Neste caso, o redator tratou de dois dos problemas vividos pelos cuiabanos ao descrever detalhadamente as consequências da escassez de luz e do mau desempenho de um funcionário que ocupava cargo público na câmara municipal:

Alem das ruas intranzitáveis e sujas, ainda um serviço de água e luz ordinaríssimos. A luz elétrica, pior do que a antiga iluminação à azeite de pacu e jahu tem por mais dos peccados, quasi a totalidade das lampadas quebradas. “Quem quizer luz, que compre lampadas, para substituir as quebradas”. Existe rua que não possui postes para as lampadas, apesar de pagarem seus moradores, impostos, igual aos seus patricios de outras ruas. A luz de Cuiabá é só para ingles ver, nada vale, não serve para as casas e nem para as ruas. Porque, pois, os assignantes de luz, não a dispensam, para deixala somente às ruas. A falta de luz nesta infeliz, escura, secca e sem administrador, cidade de Sr. Bom Jesus, é o maior causador da neurasthenia e indolencia em nosso meio. [...] São doze horas, meio dia, metade da existencia dormindo, porque a cidade é escura, negra como a alma da maioria dos homens que nos tem dirigido e dirigirem. São elles os responsaveis pela decadencia e atrazo de Cuiabá. Ainda essa luz ordinaria, essa agua pessima alguma couzinha mais, devemos aos governos do Estado, que os Intendentes nada fazem à Cuiabá é o cargo mais nulo nesta cidade limita a se receber o vencimento.¹⁰

Contudo, apesar das críticas contundentes de Agrícola Paes de Barros, da produção historiográfica e dos discursos das fontes, sobre os mais diversos assuntos e de todas as dificuldades e facilidades vividas em Cuiabá, mudanças deveriam ocorrer na cidade e outras vinham acontecendo, particularmente, sobre novos ideais que pautaram o estado republicano. Novidades vindas com a abertura da navegação pelos rios formadores da Bacia do Prata, viabilizaram o acesso de produtos importados, de viajantes, de novidades, de ideias, que chegavam mais comodamente por meio dos navios a vapor. Os desdobramentos da guerra Tríplice Aliança e a mudança do sistema de governo imperial para o republicano promoveram na

⁹ O FIFÓ, Cuyabá, n. I, p. 2, 26 dez. 1924. Matéria escrita por Agrícola Paes de Barros. A redação do periódico ficava na Rua Antonio Maria, n. 31, foi fundado em 1924 e os diretores eram João Bento Roiz de Lima e Dr. Agrícola Paes de Barros. O periódico publicou 17 edições. Para o artigo foi mantida a grafia original dos jornais pesquisados, por representar maior fidelidade a escrita da época.

¹⁰ O FIFÓ, Cuyabá, n. I, p. 2, 26 dez. 1924.

paisagem urbana da capital do Estado de Mato Grosso a inserção de novos artefatos, símbolos, percepções, sentimentos, discursos, instituições, valores e pessoas. Esses elementos traduziram novos ambientes de sociabilidade e novos discursos circularam com bases na filosofia Iluminista. Essas ideias, no final do século XIX, promoveram discursos políticos capazes de consolidar também novas técnicas de avaliação do comportamento humano, com o sentido de homogeneizar hábitos e condutas.¹¹

Vera Regina Beltrão Marques, ao analisar as forças sociais que foram mobilizadas na cidade de São Paulo para realizar a tarefa de controlar e disciplinar a população, escreve sobre a criação de uma rede institucional articulada a fim de homogeneizar condutas. Médicos, intelectuais, policiais, escolas, políticos e juristas somaram-se nesse esforço. Tornou-se premente no final do século XIX, e especialmente nos anos de 1920, a elaboração de estratégias destinadas ao controle das populações que afluíam à cidade com vistas a construir a ordem e a disciplina.¹²

Segundo Vera Regina Beltrão Marques, a eugenia qualificou a

higiene como impositora de normas para regular a vida social das populações urbanas, ampliando consideravelmente aquele campo de atuação. Isso porque a eugenia se utilizaria de todos os dispositivos já experimentados pela higiene, desde a ordenação do meio ambiente até os padrões de habitação das diferentes classes sociais, atingindo finalmente o que ainda restaria disciplinar a espécie.¹³

De acordo com a autora, o discurso eugenista promoveu práticas capazes de “eliminar a diversidade das populações calcada no progresso e na superioridade moral dos indivíduos”.¹⁴

Vera Regina Beltrão Marques comenta que a eugenia desempenhou também um papel importante como referência para o projeto de construção da

¹¹ Para maiores informações sobre a cidade de Cuiabá, ler: PINHO, Rachel de. *Cidade e loucura*. Cuiabá: EdUFMT, 2007; MACIEL, Laura Antunes. *A capital de Mato Grosso*. 1992. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1992; VOLPATO, Luíza Rios Ricci. *Cativos do sertão: vida cotidiana e escravidão em Cuiabá em 1850-1888*. São Paulo: UnB, 1993; MACHADO FILHO, Oswaldo. *Ilegalismos e jogos de poder: um crime célebre em Cuiabá (1872), sua verdades jurídicas e outras histórias policiais*. Cuiabá: Carlini & Caniato; EdUFMT, 2006. Para melhor compreender a base filosófica da República em questão, ler: SANTOS, Sérgio Ribeiro. *A inserção do protestantismo em Cuiabá na Primeira República*. Cuiabá: EdUFMT, 2010.

¹² MARQUES, 1994, p. 18.

¹³ MARQUES, 1994, p. 18.

¹⁴ MARQUES, 1994, p. 19.

nação civilizada, entre os elementos estava o depuramento das raças, eliminando, pelo cruzamento com europeus, os “defeitos” do negro e do índio, considerados inferiores. Assim, pelo uso de uma metodologia racista, pretendia-se aperfeiçoar e homogeneizar a sociedade brasileira por meio de conceitos higiênicos e morais, com objetivos bem definidos: a construção de um futuro promissor à nação brasileira.¹⁵

Em Cuiabá, o discurso eugenista também se fez presente por meio dos conteúdos dos periódicos locais, pelos discursos presidenciais e no conhecimento regional produzido pelos intelectuais integrantes do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, a exemplo do conteúdo da obra de José Barnabé de Mesquita *Gente e coisas de antanho*.

Uma fala disciplinadora: José Barnabé de Mesquita, o protagonista do discurso civilizador

José Barnabé de Mesquita nasceu em 10 de março de 1892, em Cuiabá, Capital do estado de Mato Grosso. Filho de pai de nome homônimo e de Maria Cerqueira de Mesquita, foi Bacharel em Ciências e Letras pelo Liceu Salesiano São Gonçalo de Cuiabá (1907) e em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito em São Paulo (1913), professor de português em escolas de Cuiabá, procurador-geral do Estado de Mato Grosso, professor da faculdade de Direito, desembargador do Tribunal de Justiça do Estado de Mato Grosso e também foi membro fundador da Academia mato-grossense de Letras. Representou o Tribunal de Justiça no Congresso Nacional de Direito Judiciário e na Conferência Brasileira de Criminologia (1936); o Instituto Histórico de Mato Grosso e o Estado no Congresso Histórico Nacional (1938) e a Academia mato-grossense de Letras, no primeiro Congresso de Academias (1936). Após sua aposentadoria, dedicou-se com afinco ao exercício da advocacia, exerceu, ainda, o cargo de Secretário Geral do Território Federal do Guaporé, atualmente Rondônia, e foi Procurador Municipal da Prefeitura Municipal de Cuiabá. Faleceu no dia 22 junho de 1961, na capital Cuiabá.¹⁶

José Barnabé de Mesquita, nascido em uma família de posses, com condições de manter seus estudos em São Paulo, teve seus primeiros contatos com as ideias

¹⁵ MARQUES, 1994, p. 39.

¹⁶ MESQUITA, 1978. Para mais informações sobre a vida de José Barnabé de Mesquita, ler obra citada, item: “Dados biográficos”, p. 7-12.

eugenistas em um período em que se responsabilizava determinados comportamentos considerados imorais pelas características fenotípicas de uma pessoa. Foi quando as discussões acerca da degenerescência das raças ganharam circularidade, devido à crescente necessidade que tinha a elite de elaborar estratégias que tornaram as práticas eugênicas ações políticas do Estado, resultando na elaboração de normas que permitiram a intervenção na esfera social.

O poeta José Barnabé de Mesquita também foi redator do jornal católico local *A Cruz*, que atuava na construção de discursos moralizadores e disciplinadores a respeito da conduta dos cuiabanos.¹⁷ Sabedor das particularidades históricas da região, com o pensamento marcado pelos conceitos da ciência eugenista, atribuiu a muitos descendentes de índios e de africanos escravizados as causas dos problemas sociopolíticos que se interpunham aos padrões burgueses para legitimar a normatização da ordem e da disciplina.¹⁸

Na obra *Gente e coisas de antanho* há dezoito capítulos, dos quais os cinco primeiros são basicamente um retrato biográfico dos bacharéis mato-grossenses, os que iriam dar os alicerces aos encontros e debates intelectuais cuiabanos durante os primeiros anos da República. Esses intelectuais são, em resumo, os personagens que vão constituir a intelectualidade cuiabana dos primeiros anos da República, “viriam acentuar essa imagem de cidade culta com formação de uma elite letrada, ‘instruída’ e ‘viajada’, composta por filhos das melhores famílias da terra, os quais haviam realizado seus estudos na então Capital Federal”.¹⁹

Essa foi a elite letrada que deu ênfase aos discursos na defesa da propriedade e na prevenção dos crimes contra ela, a exemplo sobre os estudos feitos por José Barnabé de Mesquita. Ao atentar para a questão da eugenia, tratou dos crimes cometidos pela população cuiabana desde o período colonial, discutiu a degeneração das raças e o alcoolismo, além de ter feito deles objetos de estudo às causas de muitos problemas de ordem moral, social e criminal na capital de Mato Grosso.

¹⁷ Sobre o histórico desse jornal, ler o artigo de CANAVARROS, Otávio. A perda da liberdade de imprensa no Brasil na crise do Liberalismo (1920-1940). In: *Revista eletrônica 1 Documento Monumento*. Cuiabá, UFMT, NDIHR (Núcleo de Documentação Informação Histórico Regional), v. 1, n. 1, dez./2009, p. 27-38. Disponível em: <<http://200.17.60.4/ndihr/revista-1/artigos/otavio-canavarros.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2012.

¹⁸ Sobre os conteúdos citados a respeito da normatização da ordem e da disciplina ler: FOUCAULT, 1987.

¹⁹ MACIEL, 1992, p. 59.

No capítulo denominado “Crimes Célebres”, item que guarda o conteúdo em análise, “o advogado José de Mesquita fez, na década de 20, um estudo sobre os mais famosos crimes ocorridos em Cuiabá e arredores”.²⁰

Os crimes praticados em Cuiabá e arredores no longo período de 152 anos: 1727 a 1879,

dois a mais de um lapso sesquiseular, foram, na sua grande maioria ou quasi totalidade, simples e naturaes descargas do organismo colectivo grandemente intoxicado pelos venenos sociais do álcool, da escravidão e, sobretudo da libido, nascida e gerada justamente por aquelles dois factores de degenerencia.²¹

José Barnabé de Mesquita envolveu-se no combate ao uso do álcool, apontou os significativos males físicos e psíquicos causados por esse hábito, bastante presente em Cuiabá, e atribuiu-lhe grande parte das mazelas sociais, sobretudo os crimes e problemas habituais da violência. Para ele, entre os grandes vilões da transgressão e da degradação moral, problemática desenvolvida pelos eugenistas, estava o vício do álcool. Aos pobres eram imputadas várias perversões, eles eram os responsáveis pelos comportamentos desviantes e socialmente inaceitáveis, pela progressão da delinquência, roubos, assassinatos causados, sobretudo, pelo uso do álcool.

É recorrente em seu estudo a defesa de que os comportamentos com requintes de crueldade em Mato Grosso davam-se em sua maioria pelo abuso do álcool. Defendia que “os homicídios e ferimentos são quasi sempre o resultado de rixas entre individuos de infima classe, as mais das vezes no estado de embriaguez”²². Sobre o vício do álcool, menciona que “os beberazes levam a triste primazia no rol dos auctores de nefarios delictos e, no mais das vezes, os crimes praticados, quer na baixa quer na media camada social, têm no alambique o seu principal factor”.²³

A teoria de José de Mesquita é bastante pertinente aos estudos da degeneração racial, particularmente no combate ao uso do álcool, que era tratado pelo autor com argumentos que não se diferenciavam dos do discurso dos psiquiatras eugenistas:

²⁰ MACIEL, 1992, p. 34.

²¹ MESQUITA, 1978, p. 92.

²² MESQUITA, 1978, p. 51.

²³ MESQUITA, 1978, p. 55 e 69.

O álcool, de resto, entra como poderosíssima força genetriz da delinquência nos meios ruraes e sertanejos, e mesmo na camada media da sociedade citadina, como adiante se verá, podendo-se afirmar que, em cincoenta por cento, seguramente, das infrações do Código Penal, figura como agente criminogeneo esse perigoso excitante que Da Costa e Silva tão bem definiu, na sua dupla acção, nestes dois versos admiráveis: Álcool, para esquecer os tormentos da vida. E cavar, sabe Deus, um tormento maior!²⁴

As explicações sobre os crimes na capital tinham por base discutir o padrão de comportamento do cuiabano, tido, muitas vezes, com um cidadão preguiçoso e criticado por José Barnabé de Mesquita. Para tal, aplicou os conceitos eugenistas e afirmou a superioridade de um povo a outros, até para definir quem era digno de direitos políticos e sociais. Explicou, usando conceitos eugenistas, a diferenciação do comportamento humano por meio da ideologia das “raças” e que sua moralidade dependia da origem ou descendência. No conteúdo de sua publicação, relatou casos criminais praticados por negros, índios e mestiços e, na construção de suas hipóteses, justificou e responsabilizou a ingestão do álcool como causa da frequência dos crimes da “escravaria desabusada” e de outros pobres moradores dos bairros periféricos da cidade e dos ribeirinhos, que tinham, segundo ele, maior facilidade para a aquisição da cachaça.

Expostos esses princípios, que apropria penalogia consagra, fácil é concluir que admirável caldo de cultura para as mórbidas manifestações do crime seria essa nova sociedade, formada de uma miscigenação extraordinária, desenvolvida á solta, num ambiente em que o império da lei mal se fazia sentir, dominada pelos imperativos do instinto e da força. A índole, porém, do nosso sertanejo, de fundo pacato e dócil, não permittiu, entre nós, a formação do typo do bandoleiro ou do jagunço nordestino, infestando o interior com o flagello das suas correrias selvagens. O crime ficou sendo mais a explosão de estados de psychose individual, de ódios reprimidos, vinganças políticas ou pessoaes, desabafos de afrontas ou vexames á dignidade e á honra. Isso, nas classes media e superior, porque, na plebe, quasi sempre, entra, por maior factor da delinquência, o alcool, superexcitador dos baixos sentimentos da animalidade, arrebentar em crises quasi sempre motivadas pela libido ou pela ambição.²⁵

As percepções construídas por José Barnabé de Mesquita caracterizam enfaticamente a população pobre negra ou índia mato-grossense como portadora de inúmeros defeitos de caráter proveniente da miscigenação das raças. É recorrente em seu discurso informações que mostram o índio e o africano como raças inferiores, com propensões psíquicas caracterizadas por atitudes que potencializam práticas criminais, desvios de conduta, maus hábitos e maus comportamentos.

²⁴ MESQUITA, 1978, p. 62.

²⁵ MESQUITA, 1978, p. 52.

Eram, geralmente, segundo análise, pessoas que não cultivavam a bondade dos cuiabanos bem-nascidos. A guerra, peste e os problemas da cidade serviram como material de análise a fim justificar atos de psicose, geralmente praticados por gente vadia e primitiva, ou, como dizia, das gentes de “espírito primitivo”. Para cada período analisado, o autor referencia um valor, de modo que o ano de 1870 é tratado como um dos mais violentos vividos pelos cuiabanos:

Na impressionadora progressão da delinqüência em nosso meio, póde se assignalar a década de 1870 como a mais lúgubre seqüência de factos criminosos, revestidos de circunstancias verdadeiramente trágicas e macabras. Quantitativamente, como qualitativamente, esse decennio se releva nos annaes da criminalidade, numa successão tetérrima de delictos, qual a qual mais horripilante. O traumatismo produzido no seio da população cuyabana pelos flagellos da década anterior a guerra e a peste deve, como frisamos, ter contribuido para criar um estado de psychose geral, provocador dessas violentas explosões dos rudes instinctos animalescos.²⁶

José Barnabé de Mesquita operou com o discurso das diferenças raciais ao afirmar que a população cuiabana tinha em sua maioria um quadro de descendência de negros africanos e índios, situação que, segundo o jurista, comprometia a imagem dos cuiabanos. Menciona os europeus como a raça de homens considerada mais responsável, cumpridora de seus deveres, honesta, virtuosa, pura e perfeita que poderia existir, se comparada às outras, Dessa raça de gente, nas terras de Mato Grosso, eram poucos os que dela descendiam,

De sangue ibérico também nos veio um pouco de relumbrante Sevilha pelos Buenos de Rivera, cujos descendentes se contam entre os matogrossenses de hoje. Por outro lado, si attendermos o cruzamento operado, veremos que nas duas outras raças a autochtone e a afra importada – typos se destacam que, pelos seus índices anthropologicos, figuram como sufficiente coeficiente eugênico na formação racial.²⁷

Seu texto referencia o sociólogo da época, Oliveira Vianna, reconhecido por suas reflexões sobre a formação do povo brasileiro com bases no darwinismo social, que defendeu a tese da superioridade dos brancos europeus e seus descendentes. Vianna propôs que os mais capazes, no caso, os arianos, tidos como os mais aptos no domínio das técnicas, das políticas de subjugação e colonização de outros povos, seriam os mais indicados para as relações de poder, e ainda defendeu o branqueamento da sociedade brasileira como meta para o desenvolvimento da nação, argumento necessário para fazer do Brasil uma nação civilizada. Endossou

²⁶ MESQUITA, 1978, p. 52.

²⁷ MESQUITA, 1978, p. 108.

sua tese articulando o racismo como impeditivo à ascensão social e ao desempenho dos fatores materiais, além de afirmar que as classes populares não tinham condições de assumir posições de destaque na sociedade brasileira. Nesse sentido, lê-se a defesa desses argumentos pelo cuiabano também precursor das ideias racistas.

Aplicando-se a Mato Grosso o methodo que na sua nunca assaz gabada monographia "Evolução do povo brasileiro" empregou o Oliveira Vianna, para pesquisar as origens do nosso eugenismo, vemos que não nos faltam os elementos de aryanização, desde que consideremos o *processus* pelo qual se formou a estrutura racial do matogrossense, o que vale para o caso do cuyabano.²⁸

Em sua conclusão, Barnabé de Mesquita demonstra claramente em qual estrato social os fatores da culpa sobre a criminalidade incidiam. Aplicou os conceitos da seleção natural para compreender o ser humano e defendeu a ideia de que fatores biológicos eram predeterminantes na formação social do indivíduo. Ao utilizar as ideias de alguns autores para reforçar sua pesquisa, disseminava essa teoria a fim de endossar sua tese do primitivismo do povo cuiabano:

As conclusões a que têm chegado nesse particular todos os estudiosos do problema em tela, encontram uma synthese feliz no estudo de Clovis Bevilaqua "Confrontos ethnicos e históricos", em que o grande jurista e sociólogo frisa que os mestiços ou, melhor, "as duas raças inferiores contribuem muito mais poderosamente para a criminalidade do que os aryanos, creio que, principalmente, por defeito de educação e pelo impulso do alcoolismo".²⁹

José Barnabé de Mesquita foi importante voz dos estudos que interferiram na discussão teórica da conhecida "ciência do comportamento" chamada eugenia. Para ele, a eugenia como técnica de poder, como instrumento científico por excelência, fez dos negros, dos índios e dos descendentes desses povos sujeitos portadores de perigos em potencial. Com recorrência é lido nos seus escritos que esses indivíduos foram os responsáveis pelos crimes, pela desordem, pela imoralidade, pelas transgressões sociais e sexuais.

As transgressões de toda ordem são avaliadas pelo autor de modo semelhante, observa-se que, além dos índios e dos negros serem alvos da política eugenista, os portadores da lepra foram escritos nos jornais como objetos de análise visados pela política segregacionista.

²⁸ MESQUITA, 1978, p. 107. (Grifo do autor).

²⁹ MESQUITA, 1978, p. 93.

Sobre esse assunto, encontra-se em matéria de jornal intitulada “Hospital dos Lazaros e para inglez ver” práticas sociais que demonstram a exclusão e a situação de miserabilidade de algumas pessoas portadoras da doença da lepra. Há casos em que os leprosos sofreram discriminações sociais e padeceram devido à ausência de políticas públicas de assistência, tratamento e oportunidades de emprego. Para os casos a seguir, em específico, situações de precariedade social são assim descritas:

Os filhos da lepra morrem à fome ou são internados naquelle Hospital, para mais facilmente apanharem o mal. É de se lastimar o estado deplorável, em miseria extrema em que se encontram os filhos dos leprosos desta capital e das circunvizinhanças. Aqui, um pobre homem, carregado de filhos, arredado do emprego, porque seu mal é contagioso, ali, uma meretriz leprosa que disfarça a hedionda lepra, em seu rosto avolumado, com creme, rouges, da [sic] e a luz de uma vela que se occulta por traz de uma lanterna vermelha: acola, uma mulher morphetica, com tres filhos e uma mocinha de 22 annos, paralitica, todos na mais completa miseria, esqueleticos, porque sua mãe que trabalhava como cosinheira, para trazer alguma sobra para os filhos, ja não pôde, [sic] mal hediondo a todo mundo teme, todos fogem. A lepra sorri à medicina impotente e aos governos inertes a seus [sic] [...]. Por que temos governos? Por que não se cria azilios para os filhos dos leprosos?³⁰

Os negros e os leprosos foram então identificados como portadores de perigos em potencial, e foi providenciado o seu afastamento das principais vias públicas. As distinções sociais estão evidenciadas no texto acima, na medida em que a maldita e perigosa doença era escondida e dissimulada, e seus portadores, conforme evidenciado pelos textos, não tinham assistência facilitada que pudesse atender à demanda no cuidar dos filhos ou um local que pudesse tratar de forma adequada o mal da lepra. Esse é mais um dado que comprova que o leproso, aos olhos da sociedade, era tido como um elemento corrompido que deveria ser afastado do convívio físico e moral por uma ação que, para segregar, localiza e o distingue na paisagem urbana.

Conclusão

A eugenia foi assentada no discurso do progresso e na superioridade moral dos indivíduos e contribuiu para construir a ordem civilizatória na cidade de Cuiabá. A eugenia passou a penetrar em todas as esferas da existência cuiabana. Na conduta sexual e moral, nos espaços de sociabilidade e, também como instrumento

³⁰ A CAPITAL, Cuiabá, Anno I, 6 fev. 1925. (Diretores Carmindo Germano de Campos e Lindolpho Prado). O periódico publicou 69 edições.

importante na manutenção da disciplina urbana. A eugenia foi utilizada pelos agentes sociais das elites econômicas, políticas e sobretudo dos intelectuais cuiabanos, como “técnica de poder, como instrumento político por excelência”, concebendo controles reguladores que definiam as famílias, os modos de viver, as formas de educar, de normatizar as condutas no ambiente cuiabano. Ocorreu também em Cuiabá uma rede institucionalizada para controlar a população em suas diferentes práticas sociais. Para que o desenvolvimento e a civilização chegassem de vez em Cuiabá, era preciso não apenas depurar a raça, mas principalmente transformá-la em mão de obra para o Estado.

Muitos dos *crimes célebres* foram relatados por Mesquita como resultantes da mistura das raças e também da excitação provocada pelo uso do álcool, causador de frequentes criminalidades, praticados, sobretudo, pelos negros cuiabanos. Dizia ser o crime ato de gente selvagem e primitiva, resultado da irracionalidade humana, da ignorância e da imoralidade do caboclo, da inferioridade moral e intelectual dos descendentes de índios e africanos.

José Barnabé de Mesquita foi um dos propugnadores das políticas de profilaxia social, responsável pela divulgação da ideia do determinismo biológico, defensor do discurso republicano, com valores assentados na modernidade, bases ideológicas do Estado brasileiro. O cuiabano foi descrito como indolente, preguiçoso, indisciplinado e sem amor ao trabalho, típico resultado do misto cultural e racial. A população foi rotulada como atrasada e sem espírito empreendedor, e toda característica negativa e pejorativa era atribuída ao cuiabano. A mediocridade da população tinha seus motivos, e eles eram também de ordem genética.

Foi justamente no plano de modernização que surge o discurso da eugenia, que em sua essência dissemina a ideia de que, na permanente luta pela vida, só os mais adaptados sobrevivem, e os mais bem equipados biologicamente teriam condições de se perpetuar na natureza.

Para José Barnabé de Mesquita, a mistura cultural existente em Cuiabá serviu como combustível para alimentar ideias racistas de cunho eugenista. As mazelas sociais e todos os outros problemas de ordem econômica e política teriam suas origens no determinismo biológico. Ou seja, os loucos, as prostitutas, os mendigos ou simplesmente a pobreza seriam frutos de ordem genética. É como se, em cada

indivíduo já estivesse pré-determinado e devidamente codificado os genes da miséria e da degeneração, sendo a mistura racial a genitora de todos os problemas sociais.

A diversidade cultural ocasionada pela união de diversas raças era vista como a principal responsável pela pobreza, violência e degeneração do homem. Uma sociedade formada em sua maioria por mestiços, negros e índios era considerada inferior e, por isso, incapaz de atingir o progresso. Para que o desenvolvimento e a civilização chegassem de vez a Cuiabá, era preciso não apenas depurar a raça, mas principalmente transformá-la em mão de obra para o Estado. A ociosidade era vista como o reflexo da degeneração biológica das classes inferiores.

A atribuição de problemas a esferas mais pobres da sociedade será um esforço de fazer essa vontade de verdade³¹ se tornar real, de encontrar respostas para os problemas de higiene moral e da violência na cidade, encontrar uma causa, a qual será explicada não somente pela genética, mas também pelo lugar social que cada pessoa ocupava.

José Barnabé de Mesquita não foi exclusivamente reprodutor do discurso eugenista, ele também o interpreta e o transforma, e a sua vontade de verdade faz remodelar para melhor utilizá-la em sua cidade e constrói explicações comparativas com outros eugenistas para melhor asseverar suas deduções. O discurso demonstra a reflexão de que os problemas sociais têm sua origem não somente em determinações genéticas, na pobreza social dos cuiabanos, mas também na falta de fé católica. Ora, José de Mesquita, como católico devoto, fazendo parte inclusive do jornal católico *A Cruz*, criado em 1910, do qual fora redator de voz e de destaque na sociedade cuiabana, deteve-se em narrar as causas imorais da falta de fé ao Cristo Redentor.

As leituras de algumas matérias, contidas no jornal *A cruz*, mostram que pobres, loucos, prostitutas, mendigos, alcoólatras e órfãos são representados como um problema a mais, entre outros relativos à ordenação do espaço urbano. Nas apreciações do autor em questão, os pobres, de maneira geral, emergem como personagens perniciosos aos olhos da elite e aos princípios de um espaço que, por parte significativa de seus moradores, se pretendia civilizado. Essa constatação foi motivo de interesse para entender como a sociedade cuiabana lidou com pessoas consideradas inoportunas à ordem nos primeiros anos da República.

³¹ FOUCAULT, 1996.

A questão do espaço urbano, em que se fundamentam as representações dos citados indivíduos como problemáticas sociais, também é assunto do tratado no jornal *A Cruz*. A partir dessa leitura, compreende-se sobre algumas representações e práticas concernentes a esses indivíduos e o discurso da necessidade de um espaço que se pretendia ordenado, higienizado e moderno.

Por meio da leitura dos escritos de José Barnabé de Mesquita é possível problematizar a visão, os discursos, conceitos, estereótipos e preconceitos constituídos pela elite, pelo poder e pela sociedade acerca dos pobres. Através da leitura do jornal *A Cruz* é possível recuperar parte das representações dos múltiplos sujeitos que se ocuparam na organização da disciplina urbana sob o amparo teórico da eugenia que, segundo seu expressivo divulgador, José Barnabé de Mesquita, as psicopatologias do crime e os comportamento considerados imorais, estruturavam valores que coordenavam e harmonizavam a hierarquia social, na capital de Mato Grosso, nos tempos iniciais da República.